

JOAO MAGGION
 FABRICA DE GACHETAS DE COURO
 A. TEIXEIRA DA SILVA
 AGENCIA ULTRAMARINA
 MOBILIARIA JACOB
 ORNAMENTACOES E TAPICARIA
 CASA MARITIMA
 A CASA QUE TEM DE TUDO
 TECIDOS TAMOIO
 CORTUME DE COQUEIROS S/A.
 CASA MARITIMA - A Casa que tem de Tudo
 SARAIVA & CIA. LTDA.
 TACADO E VAREJO IMPORTACAO PROPRIA
 SEMPRE DISTRIBUINDO CERRACOS
 CARIOCA
 FERRAGENS BRAZENO LTDA
 BERNARDINO DE ALMEIDA, JOIAS
 SABOARIA MIRIM CERAS, LTDA.
 CASA MARITIMA - A Casa que tem de Tudo
 CASA MELLO
 FABRICA E DEPOSITO DE
 SAPATARIA TUPINAMBA LTDA
 AUTO PECAS PARCO LTDA
 AV. DAS CASAS, 174 - FONES: 62-4071 - 62-131
 TRANSPORTADORA AURORA LTDA
 MATERIAIS DE FERRO LTDA
 BERNARDINO DE ALMEIDA, JOIAS
 GUARANI FUTEBOL CLUB
 A Parisiense
 COLORAU COSINHEIRO
 19 CONGRESSO EUCARISTICO PROVINCIAL
 19 CONGRESSO EUCARISTICO PROVINCIAL
 ERIC O/A Matriz: Rua Mal. Floriano, 572
 Dep. Filizola: Av. Farrapos, 42
 F. WEGLINSKI
 SECANTE XADREZ
 ARMAZEM GLENAY LTDA CRUZ LTDA
 ARMAZEM PROPRIA
 CONFECACOES DE CAFE MANOEL DE OLIVEIRA
 Confecoes TEGLEZ
 KORN & GOLDSZTEJN
 RUA JOSE PAULINO, 408 - SAO PAULO
 POSTO SAO PAULO
 MENCACCI, CEBAR & CIA
 CASA DO ACO LTDA.
 Casa Culosso
 POSTO KRAUSE
 CARLOS KUEGER, FILM
 SABOARIA MIRIM CERAS, LTDA
 LIMPEZA DOMESTICA
 ROSA KEMA

Belga T4
 CRIANCA
 NEO-FITOCIDOL
 FRITZ JOHANSEN
 Ferragens Cab Pedro Gioa
 FELIZ ANIVERSARIO
 PORTUQUEZ
 5ª ANIVERSARIA
 ACUCAR PEROLA
 PARA SENADOR: AMAURY DE OLIVEIRA E SILVA
 TOME Pepsi-Cola
 BEBA
 GUARANI
 SUERDIECK
 AÇUCAR PEROLA
 FRITZ JOHANSEN
 CHOCORRO
 JUBA CRISTINA
 CARETA
 SAUER & FILHOS LTDA
 Cafe Capone
 LATICINIOS REDENAO LTDA
 LINO MORGANTI
 "AMOR"
 PEDREIRA SAO PAULO S/A
 PARA SENADOR: AMAURY DE OLIVEIRA E SILVA
 GERIN
 TIPO EXTRA
 G. F. Barros & Cia
 OFICINA CAROLINO
 ACUCAR Uniao
 CERVEJARIA
 Optalidon
 IRMAOS FERRARO & CIA. LTDA
 A ESQUINA DA SORTE
 VILCAN MATERIAL PLASTICO S.A.

SUNDAY DAN COOPEY



SUNDAY DAN COOPEY

TEXTO

RAPHAEL FONSECA

ABERTURA

09 DE NOVEMBRO 2019

HORÁRIO

DAS 11 ÀS 16 HORAS



Sem título | untitled, 2019
Sisal e corda sintética |
sisal and synthetic rope
130 x 20 x 20 cm
51.18 x 7.87 x 7.87 in

DAN COOPEY

VILMA EID

Antes de conhecer o Dan conheci seu trabalho. Foi em uma feira de arte, e imediatamente uma obra dele mexeu comigo – tanto que a comprei. Era um conjunto com três cestas verticais, e cada uma delas, quando chacoalhada, emitia um som especial e diferente. Uma caixinha de surpresa. Adoro a obra! Está em casa. Convivo com ela diariamente e dela sempre emana um frescor que me delicia. Converso com ela e ela se comunica com as outras obras da minha coleção.

Não foi só isso, mas uma identificação pessoal com o Dan e a semelhança do trabalho dele com o que eu desenvolvo na galeria, o que me levou a logo convidá-lo, através do João Azinheiro, que nos apresentou, para uma exposição na Galeria Estação. Há uma “cestaria” de formas orgânicas, toda trançada artesanalmente por ele mesmo, que dialoga com o trabalho de algumas tribos indígenas e é de uma sofisticação ímpar. As caixas de fósforos e os lápis antigos, outros meios usados por Dan, transformam simples objetos em obras de arte com genialidade criativa e lúdica.

Dan é de nacionalidade inglesa, apaixonado pelo Brasil, e posso bem entender sua identificação com nosso país. Com alegria, nos envolvemos com ele e com seu trabalho, afetivamente e profissionalmente.

Espero que vocês curtam tanto quanto eu. Foi amor à primeira vista.



Sem título | untitled, 2019
Plástico e corda sintética |
plastic and synthetic rope
30 x 260 cm |
11.81 x 102.36 in

DAN COOPEY

Raphael Fonseca

Em entrevista realizada em 2017, Dan Coopey conversa com Fernanda Brenner a respeito de seus trabalhos recentes e admite a importância da passagem do tempo em sua produção: “Eu fico muito impaciente para ver meus trabalhos no período de dez anos, pois sou muito consciente sobre como o vime que uso envelhecerá e sua cor se aprofundará com o tempo”.¹ Gosto de refletir sobre a pesquisa do artista a partir dessa equação entre a materialidade e o peso do tempo.

Quando observamos alguns de seus trabalhos do começo dos anos 2010 esse interesse se faz presente pelo uso de diferentes materiais e formas de exibição. Uma série de trabalhos de 2013 parte de moedas milenares e explora seus diferentes padrões de textura por meio da fotografia. Há aí uma interessante conexão entre um objeto antigo com valor comercial e as maneiras como a tecnologia fotográfica pode não apenas documentar, mas criar imagens ficcionais a partir de sua superfície. Já em 2014, chapas de cobre oxidadas são gravadas pelo artista e emolduradas. As formas impressas na matéria se misturam com manchas da oxidação que geram formas abstratas onde não há separação entre figura e fundo. Não precisamos esperar dez anos para notar a ação do tempo nesses trabalhos; essa parece a condição primeira para a sua existência – do

estranhamento de um objeto arqueológico à associação entre matéria e reação química, do metal funcional das moedas ao metal planificado minimalista.

Desde 2015, Dan Coopey trabalha com a tecnologia da cestaria; com a experimentação, novas lições sobre o tempo são tanto aprendidas pelo artista quanto compartilhadas com o público. Na exposição *Lalahalaha*, na Belmacz Gallery, em Londres, seus objetos são apoiados em pinos de madeira na parede e se diferenciam do caráter utilitário tradicional da prática ancestral da cestaria; sua trama não está tecida para ser a base de transporte de outros objetos. De toda maneira, dentro de cada uma dessas peças havia um objeto escondido – uma provocação ao uso habitual das cestas? Para descobri-los seria necessário destruir a estrutura tecida por Coopey. Ao evitarmos a sua destruição, lemos a identificação de seu conteúdo e acreditamos na palavra do artista. Mostrados um ao lado do outro e de forma irregular, esses objetos possuem pontas, orifícios e encaixes que rapidamente podem ser vistos tanto em relação ao corpo humano quanto em uma chave mais abstrata. Na ausência de uma mensagem explícita por parte do artista, nosso olhar pousa sobre a maneira como as cores se disseminam pela sua superfície e nos levam a um fantasma de arco-íris.

Já em *Dry* – sua exposição individual de 2017 na Kubikgallery, no Porto, em Portugal – seis cestos são mostrados lado a lado de forma mais simétrica. A aplicação de cores é deixada de lado e nosso olhar se detém sobre as cores que emanam naturalmente do tipo de vime escolhido. Esse exercício de observação é essencial: dependendo de como as tramas são executadas na cestaria, a presença da cor se difere no contraste com o branco da parede ao fundo. Dessa maneira, uma característica central ao trabalho de Coopey é notada: um objeto nunca será igual a outro. Mesmo que esses seis trabalhos remetam a uma forma cilíndrica, cada um de seus formatos será diferente e trará ao público sutilezas específicas. Esse me parece um aspecto importante



Sem título | untitled, 2019
Caixas de fósforos e fio de algodão |
matchbooks and cotton thread
32 x 32 x 7 cm | 12.59 x 12.59 x 2.75 in



Sem título | untitled, 2019
Caixas de fósforos e fio de algodão |
matchbooks and cotton thread
32 x 32 x 7 cm | 12.59 x 12.59 x 2.75 in



Sem título | untitled, 2019
Caixas de fósforos e fio de algodão |
matchbooks and cotton thread
32 x 32 x 7 cm | 12.59 x 12.59 x 2.75 in

da relação entre o artista, o artesanato e o tempo: cada fazer é um fazer, cada objeto é um objeto, cada entrelaçar de material é uma experiência única. Quando Dan Coopey dá tempo ao tempo, seu corpo se abre aos acasos do ato de trançar – o que poderia ser um erro para uma cesta com uso utilitário, na pesquisa do artista se transforma em desenhos e texturas dignos de atenção.

No mesmo ano, no Pivô, em São Paulo, o artista continua e expande essa pesquisa na individual *Interiors*. Aqui os cestos são mostrados em forma de cacho, presos por linhas diretamente na parede e dando espaço a uma montagem mais informal. Diferentes materiais são misturados na mesma peça; o vime é acompanhado por materiais orgânicos e industriais encontrados em diferentes regiões do Brasil. Ao lado desses objetos, um outro trabalho já indicava outra linha de pesquisa: vários recipientes plásticos são simplesmente empilhados. O caráter industrial do plástico faz um contraste não apenas material com os cestos, mas também de cor – essa paleta de cores artificiais de alguma maneira se irmana com os tons naturais entre o bege e a terra dos cestos. Há uma ironia nessa torre de plásticos: o último deles traz uma etiqueta onde se lê “made in Brazil”.

Na mesma entrevista realizada com Brenner, o artista comenta um pouco a respeito de parte do público que associa o seu trabalho à produção de arte contemporânea de artistas brasileiros.² A que se deve essa associação? Poderíamos, me parece, facilmente aproximar sua pesquisa ao trabalho de artistas brasileiros muito interessados, cada um à sua maneira, nos atos de compor e decompor a partir de formas industriais ou artesanais – Sonia Gomes, Alexandre da Cunha, Felipe Barbosa, Mano Penalva, Marepe e Marcone Moreira seriam apenas alguns desses nomes. O que chama atenção no caso de Coopey é que de nenhuma maneira seus trabalhos criam relações explícitas com o Brasil – seja por seus títulos, seja pela maneira como se

apresentam formalmente. Trata-se de uma trajetória que certamente se interessou em pesquisar fazeres e materiais encontrados no país, mas que tanto recusa o discurso de um pertencimento identitário ao Brasil quanto, também, nega um olhar estrangeiro exotizante a respeito do país.

Essas breves reflexões sobre o percurso de Dan Coopey me parecem importantes para estabelecer conexões com o projeto que o artista apresenta de maneira inédita na Galeria Estação. Esta exposição está baseada em três grandes séries de trabalhos: uma que dá continuidade ao seu fazer com a cestaria; e outras duas onde o artista se apropria de objetos já fabricados – séries de lápis e caixas de fósforos.

Quando vemos as imagens dos cestos montados no espaço, dois elementos chamam atenção. As formas orgânicas e fechadas dos objetos produzidos anteriormente dão espaço a um caráter mais indefinido. Voltando à relação entre o tempo e o fazer, é como se o artista convidasse o público a completar as tramas que pendem ainda como fios desses objetos. Por outra leitura, também podemos encará-los assumindo que essas peças não possuem mais segredos dentro de si; elas são o que são, fios parcialmente trançados como estrutura e parcialmente apresentados enquanto matéria. Suas estruturas não são rígidas; trançados em materiais tão diferentes como o sisal, o papel, fibra de banana e os cordões de plástico, seus tamanhos, cores e curvas se movimentam de acordo com os limites da matéria. Quando adentramos o espaço da galeria, notamos essa dança silenciosa das formas. Este aspecto da fruição dessa nova série de trabalhos é corroborado pelo segundo elemento contrastante com suas montagens anteriores: a saída da parede para o centro. Içados de um carretel de corda, esses objetos pendem no ar e irão se mover lentamente de acordo com o movimento do público.

Enquanto isso, as outras duas séries de trabalhos aqui mostradas dão continuidade tanto ao uso de objetos industriais por parte do artista quanto, também, a uma apreen-

Sem título | untitled, 2019
Fibra de banana e corda sintética |
banana fiber and synthetic rope
130 x 35 x 35 cm |
51.18 x 13.77 x 13.77 in





Sem título | untitled, 2019
Ratã e corda sintética |
rattan and synthetic rope
115 x 32 x 32 cm |
45.27 x 12.59 x 12.59 in

são do tempo semelhante à de seus primeiros trabalhos. Após circular por diversas feiras de objetos usados em São Paulo, Coopey adquiriu uma série de lápis e caixas de fósforos produzidos durante os anos 1930 e 1940 no Brasil. O que une essas séries de objetos é algo que pode soar inusitado para um olhar contemporâneo: nos lápis e nas caixas de fósforos havia um espaço publicitário que poderia ser comprado e nele diferentes empresas imprimiam suas publicidades e logomarcas.

Dispostos na parede e em diálogo com os cestos no centro do espaço, um primeiro olhar poderá se deter sobre o cromatismo desses lápis. Quando nosso corpo se aproxima desses trabalhos, múltiplas narrativas se apresentam devido à relação entre os textos ali impressos e as imagens mentais que podem ser criadas. Casa Aliança Bancária, Transportadora Mayer, Bar Restaurante e Sorveteria Rodoviário e Armazém Elite, por exemplo, estão um acima do outro e nos levam para uma temporalidade em que a tipografia e a impressão em papel eram os principais meios de divulgação de um produto ou estabelecimento. Um dos trabalhos mostra uma série de lápis com a divulgação da Passoquinha Paulista. Logo abaixo a frase que poderia ter sido extraída de um meme contemporâneo: “sempre invejada nunca igualada”.

Possuir orçamento para investir em marketing nesse período da história era, certamente, algo digno de inveja entre empresários. É irônico e ao mesmo tempo perverso percebermos que o objeto utilizado para fazer propaganda de um produto era justamente o lápis, ferramenta essencial não apenas da escrita, mas também do desenho e disseminada não só entre os trabalhadores, mas especialmente no ambiente escolar. Desde pequena, portanto, uma criança poderia estar rodeada por mensagens alusivas ao consumo – algo distante, mas certamente dialógico com as múltiplas abas e imagens que nos deixam hiperestimulados nos nossos pequenos computadores com espelhos pretos.

Algo semelhante pode ser afirmado sobre os trabalhos feitos com caixas de fósforos, mas estas narrativas estão para além dos nomes das marcas. Coopey abre esses objetos e os coloca lado a lado fazendo uma colagem de suas imagens publicitárias. Desejos de boas festas, promoções, tipografias das mais variadas e imagens de corpos humanos ficam um ao lado do outro, levemente sobrepostos. Encostados na parede, os fósforos de diversas cores formam uma espécie de círculo cromático incompleto. Esses novos trabalhos do artista, portanto, não deixam de também fazer um comentário sobre a própria história de São Paulo e sua posição central na história do capitalismo e da industrialização no Brasil.

Esta exposição me parece tornar possível perceber o lugar central que o tempo ocupa na produção de Dan Coopey. Isso se dá não apenas no seu interesse pelo fazer ancestral da cestaria, mas também na maneira como o artista discretamente cria tramas com objetos e imagens de diferentes temporalidades. Um olho explora os mistérios da organicidade de um material frágil e efêmero, ao passo que o outro manipula objetos que desejavam a vida eterna e que já podem ser vistos como ruínas.

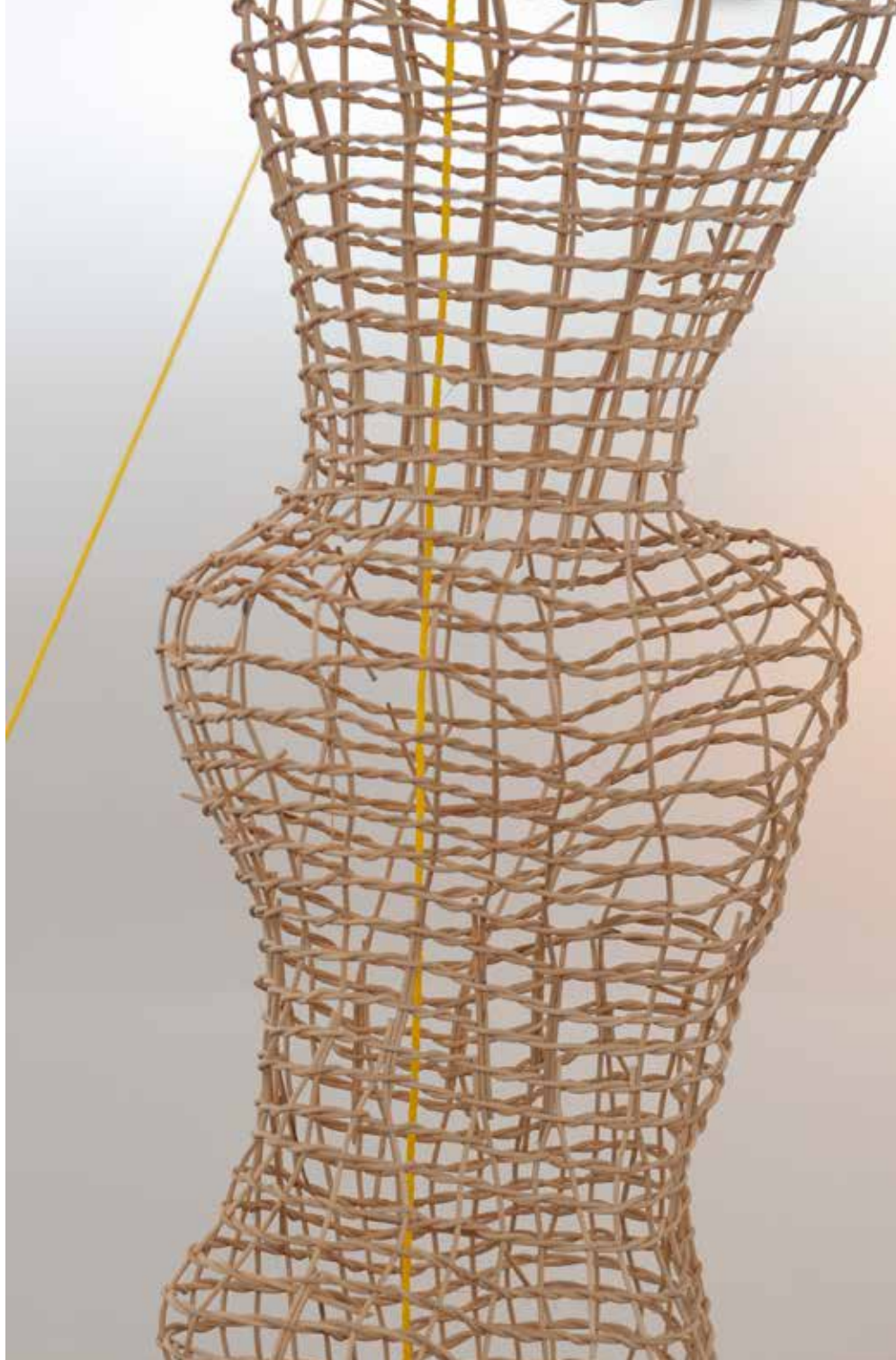
Entre um e outro olhar, algo em comum: uma indagação a respeito da permanência.

Notas

1 Entrevista com Dan Coopey realizada por Fernanda Brenner e relativa à exposição *Interiors*, no Pivô, em 2017. Para acessar: <<http://www.pivo.org.br/blog/pivo-entrevista-dan-coopey/>>.

2 Idem.

Sem título | untitled, 2019
Ratã e corda sintética |
rattan and synthetic rope
240 x 40 x 35 cm |
94.48 x 15.74 x 13.77 in









Sem título | untitled, 2019
Plástico e corda sintética |
plastic and synthetic rope
100 x 30 x 30 cm |
39.37 x 11.81 x 11.81 in

Sem título | untitled, 2019
Papel e corda sintética |
paper and synthetic rope
40 x 40 x 80 cm |
15.74 x 15.74 x 31.49





Sem título | untitled, 2019
Ráfia e corda sintética | raffia and synthetic rope
230 x 50 x 10 cm | 90.55 x 19.68 x 3.93 in

DAN COOPEY

VILMA EID

DAN COOPEY

RAPHAEL FONSECA

Before I met Dan I encountered his work. It was at an art fair and immediately one of his works moved me – so much so that I bought it. It was a set of three vertical baskets. Each of them, when rattled, made a special and distinct sound. A little box of surprises. I love it so much I put it in my house. I live with it daily and it always emanates a freshness that delights me. I talk to it and it communicates with the other works in my collection.

Not only that, I identify personally with Dan through the similarity of his production and what I develop at the Gallery. This inspired me to invite Dan, who I met through João Azinheiro, to an exhibition at Galeria Estação. There is a “basketry” of organic forms, all braided by himself which dialogues with the work of some indigenous tribes and is of a unique sophistication. Matchbooks and antique pencils are other familiar items Dan uses to transform simple objects into works of art with creative and playful genius.

Dan is English by nationality but in love with Brazil. I can understand his identification with our country. With joy, we engage with him and his work affectionately and professionally.

Hope you enjoy it as much as I do. It was love at first sight.

In a 2017 interview, Dan Coopey spoke with curator Fernanda Brenner about his recent work and underlined the importance of time in its production and his thinking: “I get very impatient to see my work in ten years, because I am very conscious about how the wicker I use will age and how its color will deepen over time”, Coopey explained. In this text, I like to reflect on this idea further, looking at the artist’s work specifically from the perspective of materiality and of its relationship to time.

This interest is present in the artist’s use of varying materials and display methods in his works from the early 2010s. A series of wall-based sculptures from 2013 feature ancient coins, resting in frames against scans of their surfaces – with varying textured patterns – which have subsequently been digitally manipulated. There is a connection here between a commercially valuable antique object and the ways in which photographic technology can not only document but also create fictions. The passing of time disturbs our reading of an object. Likewise, in 2014 the artist engraved and framed a series of copper plates which underwent a gradual oxidation. The pattern imprinted by the artist on the metal mingled with murky spots of oxidation, abstract forms in which there is no separation between figure and background. We need not wait a millenia to notice the action of time in these works; this seems to be the prime condition for its existence – from the strangeness of an archaeological object to the association between matter and chemical reaction, from the functional material of coins to the minimalistic flat metal panels.

Since 2015, Coopey has been working with basketry and through his experimentation with this traditional technology, new lessons about time are both learned by the artist and shared with the public. At his exhibition *Lalahalaha* at Belmacz in London his

woven objects were supported by wooden pegs, hung at varying heights across one wall, each of these “baskets” painted with a watercolor wash in varying palette. The sculptures differ from the traditional utilitarian character of ancestral weaving practice however in that, fully enclosed, they are not woven for the purpose of transporting goods or produce. Encased inside each of these containers was a hidden object nonetheless – a provocation to the usual use of the baskets? To discover them it would have been necessary to destroy the structure woven by Coopey. As we avoid the work’s desecration, we read the identification of its contents in the accompanying materials list and are forced to take the artist’s word. Shown side-by-side and irregularly shaped, Coopey’s “baskets” have crevices and curves that are both abstract and contain nods towards the human body. In the absence of an explicit message from the artist, our gaze rests on the way the colors spread across its surface and present us with something akin to a rainbow’s ghost.

Dry, the artist’s solo exhibition in 2017 at Kubikgallery, Porto, featured six baskets shown side by side in a more symmetrical way. The application of paint is set aside and our gaze rests on the natural tones of the particular wicker chosen by the artist. This observation exercise is essential: depending on how the wefts are constructed in the basketry, the presence of color differs in contrast to the white of the gallery wall. Thus, a feature central to Coopey’s work is noted: one object will never be the same as another. Even though these six works come in a cylindrical shape, each of the forms differ and bring specific subtleties to the public. This strikes me as an important aspect of the relationship between the artist, craftsmanship and time: every doing is a doing, every object is an object on its own and every interweaving of material is a unique experience. When Coopey gives time to time, his body opens to the chance inherent in braiding – which could not be mistaken for utilitarian basketry, as the artist’s research evolves into attention-grabbing designs and textures.

In the same year, at Pivô, in São Paulo, the artist continues and expands this research for his solo *Interiors*. Here the baskets are bunched together, attached by thread directly to the wall and giving space for a more informal set up. Different materials are mixed

in the same piece; rattan is accompanied by organic and industrial materials found in different regions of Brazil. Alongside these objects, another work already indicated another line of enquiry: several plastic containers are simply stacked. The industrial character of plastic contrasts not only with the material of the baskets, but also the color – this artificial palette somehow blends with the natural beige and earth tones of the baskets.

In the same interview with Brenner, the artist comments how links have been drawn between his own work and contemporary art production by Brazilian artists (Coopey is British, living in São Paulo and London). Why is this association made? We could, it seems to me, easily link his research to the work of artists such as Sonia Gomes, Alexandre da Cunha, Felipe Barbosa, Mano Penalva, Marcone Moreira and Marepe; artists who, each in their own way, play with composing and decomposing industrial or craft forms. What is striking about Coopey’s practice however is that his work makes no explicit reference to Brazilian culture or history – either in his titling or by how the sculpture is formally presented. Evidently the artist is interested in researching Brazilian art and the materials found in the country, but the end product refuses the discourse of an identity belonging to Brazil and, also, denies an exoticisation of the country the artist is a foreigner to. It’s a position the artist is not immune to lightly satirizing. The last of the towering plastic bowls in *Interiors* has a tag that reads “Made in Brazil”.

These brief reflections on Dan Coopey’s journey seem to me important to establish connections with the project that the artist presents at Galeria Estação which features three new series of works by the artist. The first one gives continuity to his work with basketry. In the other two he appropriates found objects, namely pencils and matchbooks.

When these new baskets are mounted in space, two elements draw attention. The organic, closed forms of previously produced objects give way to a more undefined character: loose threads hang down from each object. Returning to the relationship between time and doing, it is as if the artist invites the audience to complete the otherwise tightly woven works. We can also assume these works no longer have secrets hidden within them; they are what they are, strands partially woven as a structure and partially

presented as matter. Their structures are not rigid, but lightly malleable, constructed in materials as diverse as sisal, paper, banana fiber, and plastic cord. Their size, colors, and curves move within the bounds of matter. As we enter the gallery space, we notice this silent dance of forms. This aspect is corroborated by the second contrasting element to his previous assemblies: the exit from the wall to the center. Hoisted from a spool of rope, these objects hang in the air and will likely move given a slight breeze.

The other two series continue the artist's use of industrial objects. After scouring several secondhand markets in São Paulo and Rio de Janeiro, Coopey acquired bundles of pencils and matchbooks produced during the 1930s and 1940s in Brazil. What unites these objects is that, as well as their obvious utilitarian use, they all served as commercial merchandise displaying vintage logos and advertising for a range of products and services.

Coopey has layered and stitched the pencils one on top of the other, wall hung they sit in dialogue with the baskets in the center of the gallery. At first glance one might dwell on the chromaticity of the pencils, on closer inspection however, the different slogans evoke a vast variety of narratives and mental imagery. Casa Aliança bancária, Transportadora Mayer, Bar Restaurante e Sorveteria Rodoviário, Armazém Elite. These brands, one above the other, lead us to a time when typography was the main means of advertising a product or establishment. One of the works shows a series of pencils from Passoquinha Paulista. Just below is a phrase that could have been extracted from a contemporary meme: "Always envied never equaled."

Having the budget to invest in marketing at this time in history was something to envy among business owners. It is perverse that the object used to advertise was the pencil; an essential tool for writing and drawing, not only to be disseminated among workers, but also present in the educational environment. From a young age, therefore, a child could be surrounded by messages alluding to consumption – something distant, but certainly recalled within today's saturation of digital images, multiple tabs and feeds on our little computers, that make us hyper-stimulated.

Something similar can be said about the works made of matchbooks but these narratives move beyond brand names.

Coopey opens up these objects and places them side by side making a collage of the advertising images. Holiday greetings and promotions, a profusion of typography and images of human bodies all sit side by side, slightly overlapping. Against the wall, matches of various colors form a kind of incomplete color circle. These new works by the artist make a comment on the history of São Paulo itself and its central position in the history of capitalism and the industrialization of Brazil.

Time is central to Coopey's production. This is not only because of his interest in the ancestral making of basketry, but also in the way the artist discreetly weaves out objects and images of different temporalities. One eye explores the organic fragility and ephemerality of his materials, while the other manipulates objects that desired eternal life and can already be seen as ruins.

Between them, we see Coopey's central preoccupation, a question of permanence.

SUNDAY DAN COOPEY 2019

Galeria Estação

Diretores

Vilma Eid

Roberto Eid Philipp

Textos

Raphael Fonseca

Vilma Eid

Produção e desenho gráfico

Germana Monte-Mór

Secretaria de produção

Giselli Mendonça Gumiero

Rodrigo Casagrande

Fotos

João Liberato

Revisão de texto

Otacílio Nunes

Tradução de texto

Fernanda Mazzuco

Montagem

MIA - Montagem de instalações artísticas

Iluminação e apoio de produção

Marcos Vinícius dos Santos

Kleber José Azevedo

Assessoria de imprensa

Pool de Comunicação

Impressão e acabamento

Lis Gráfica

agradecimento

João Azinheiro

Capa | cover

Sem título | untitled, 2019

Lápis antigos e linha de borracha |
antique pencils and rubber thread

112 x 18 x 0,5 cm | 44.09 x 7.08 x 0.19 in

103 x 18 x 0,5 cm | 40.55 x 7.08 x 0.19 in

108 x 18 x 0,5 cm | 42.51 x 7.08 x 0.19 in

112 x 18 x 0,5 cm | 44.09 x 7.08 x 0.19 in

33 x 18 x 0,5 cm | 12.99 x 7.08 x 0.19 in

90 x 18 x 0,5 cm | 35.43 x 7.08 x 0.19 in

105 x 18 x 0,5 cm | 41.33 x 7.08 x 0.19 in

112 x 18 x 0,5 cm | 44.09 x 7.08 x 0.19 in

GALERIA  ESTAÇÃO

rua Ferreira de Araújo 625 Pinheiros SP 05428001

fone 11 3813 7253 galeriaestacao.com.br



REINALDO GONCALVES
Renditeira de alocacao de bens

ASA SERRARIA

BORGAUTO S.A.

PROSEDIOR

CASA GRIMALDI S.A.

"CAFE NOROESTE"

CRISTAL

Importadora SANTA CRUZ

Sardinhas RIBI

DANTE CICCHI

INDUSTRIAL TEXTIL INTEX LTDA

MERCADORIAS EM GERAL E MADEIRAS POR ATACADO E VENDEDOR DE SACAS BRASILEIRAS

CODEGA & CIA. LTDA.

CAFE BOM PALADAR

FOTO BARBAO - PEDRO PEREIRA

PONTO AZUL

FRITZ JOHANSEN

POSTO JARDIM

RAINHA DA AVENIDA

TRIANON - BAR E SORVETERIA

CASA SONORA

ELEODORO ANTUNES FERNANDES

GLORIA & CIA. LTDA.

LABORATORIO KLAUDERKE - LIMITADA

PRODUTOS ALIMENTICIOS "DIVA"

SAPATARIA S. SEBASTIAO

BOMBA DE GASOLINA

FABRICA DE BALAS PERFEITO LTDA.

ALUZIO NOGUEIRA

Underberg

HERREIRA GONCALVES & CIA

LATICINIOS LUSO

MORAES & FILHOS

CAIXA ECONOMICA FEDERAL

INSETICIDA "GRILLO"

ARMAZENS SAO CRISTOVAO LTDA.

CALÇADOS SÓ PARA HOMENS

A. TEIXEIRA DA SILVA

AUTO IMPORTADORA GOMES LTDA.

QUALIDADE E RAPIDEZ

SABOARIA MIRM CERAS, LTDA.

SERRARIAS ALMEIDA PORTO S/A

BERNARDINO DE ALMEIDA, JOIAS

BERNARDINO DE ALMEIDA, JOIAS

INDUSTRIA E COMERCIO JOFRAL LTDA

CASA ALIANÇA BANCARIA LTDA

TRANSPORTADORA MATR

RODOVIARIO

ARMAZEM ELITE

BERNARDINO DE ALMEIDA, JOIAS

DALMEI

BERNARDINO DE ALMEIDA, JOIAS

JOAO MAGGION

AUTO ELÉTRICA CAMBE

IRMÃOS ESHIMA LTDA.

CORTUME DE COQUEIROS S/A.

MERDEARIA "MIGNON"

TRANSPORTE "RISTAR" S/A

SABOARIA MIRM CERAS, LTDA.

CAMEL PYL LTDA

PERGUNTE A QUEM TEM UM

ALBERTO MOSCOWICZ "JOIAS LAILA"

CANELA

PIMENTA

SILVA ALFAIATE DA MODA

MOBILIARIA JACOB

IND DE MADEIRAS SAO JORGE

IRMAOS KANAGUCHI & CIA. LTDA

GALERIA  ESTAÇÃO